

O PROFESSOR COMO CURADOR DE FERRAMENTAS DIGITAIS NAS ESCOLHAS CONSCIENTES E CRÍTICAS

Simone de Mattos Martins Teixeira¹

Barbara Spalemsa do Nascimento²

Evaniely Sayonara dos Santos Costa Gualberto de Sá³

Ignácio Monteiro dos Santos⁴

Jaciara Tesche Franca⁵

Moacir de Oliveira Portela⁶

Rafael Fontenele de Sousa⁷

Verônica Ribeiro da Silva⁸

RESUMO: A pesquisa analisa o papel do professor como curador de ferramentas digitais, enfatizando a importância de escolhas pedagógicas conscientes e críticas na educação básica. Fundamentada em abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, discute como a curadoria docente ultrapassa o uso técnico de tecnologias, articulando critérios pedagógicos, éticos e contextuais para a seleção de recursos digitais. Os resultados evidenciam que práticas de curadoria promovem o protagonismo estudantil, ampliam a autoria e favorecem a aprendizagem significativa. Também são analisados desafios como a ausência de formação específica, a sobrecarga de trabalho e a fragmentação das políticas públicas. A pesquisa propõe caminhos para fortalecer a cultura da curadoria nas escolas públicas, destacando a importância de comunidades docentes colaborativas, escuta ativa dos estudantes e políticas de formação continuada. Conclui-se que a curadoria digital é uma prática pedagógica necessária para uma educação crítica e inclusiva, que compreende a tecnologia como linguagem e possibilidade formativa.

Palavras-chave: Curadoria Digital. Prática Docente. Ferramentas Educacionais. Mediação Tecnológica. Escolhas Pedagógicas.

338

ABSTRACT: This research analyzes the role of teachers as curators of digital tools, emphasizing the importance of conscious and critical pedagogical choices in basic education. Based on a qualitative approach and bibliographic review, it discusses how digital curation goes beyond the technical use of technologies, involving pedagogical, ethical, and contextual criteria for selecting educational resources. The findings reveal that curation practices promote student protagonism, enhance authorship, and foster meaningful learning. The study also addresses challenges such as lack of specific training, teacher workload, and fragmented public policies. It proposes strategies to strengthen a culture of curation in public schools, highlighting the importance of collaborative teaching communities, active listening to students, and continuous professional development. The research concludes that digital curation is an essential pedagogical practice for critical and inclusive education, viewing technology as both a language and a formative possibility.

Keywords: Digital Curation. Teaching Practice. Educational Tools. Technological Mediation. Pedagogical Choices.

¹Doutoranda em Ciência da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

²Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

³Doutoranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

⁴Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁵Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁶Especialista em Direitos Humanos nas Relações Étnico-Raciais, Gênero, Sexualidade, Diversidade e Inclusão Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH).

⁷Mestre em tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁸Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

I INTRODUÇÃO

A crescente presença das tecnologias digitais no cotidiano das escolas exige que os professores assumam novos papéis para além da mediação de conteúdos: devem atuar como curadores conscientes das ferramentas digitais, capazes de selecionar, adaptar e integrar recursos tecnológicos que dialoguem com as necessidades pedagógicas, os objetivos curriculares e os contextos socioculturais de seus estudantes. Essa curadoria não se restringe à seleção técnica, mas envolve análise crítica, postura ética e sensibilidade didática. Bezerra e Lima (2019, p. 4) afirmam que “a mediação docente com tecnologias precisa ir além do uso instrumental, exigindo intencionalidade pedagógica e compromisso com a aprendizagem significativa”.

No cenário atual, marcado por múltiplas plataformas, aplicativos e interfaces digitais, a escolha de ferramentas educacionais não pode ser aleatória nem guiada por modismos. A atuação do professor como curador pressupõe conhecimento sobre os limites e potencialidades das tecnologias, compreensão das propostas pedagógicas associadas e capacidade de avaliar seus efeitos no processo de ensino-aprendizagem. Para Santos e Lopes (2016, p. 49), “a ação docente no mundo digital demanda critérios pedagógicos, clareza ética e autonomia para ressignificar as tecnologias como instrumentos de emancipação e não de alienação”.

Essa pesquisa tem como objetivo discutir o papel do professor na curadoria de ferramentas digitais, evidenciando a importância de práticas conscientes e críticas para a formação cidadã e a qualidade da educação básica. A metodologia adotada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica, fundamentada nas diretrizes propostas por Siena et al. (2024) e Almeida (2021), priorizando autores que abordam mediação tecnológica, cultura digital e práticas pedagógicas contemporâneas. A análise parte do pressuposto de que a curadoria docente é uma dimensão ética, política e pedagógica da ação educativa.

No contexto da escola pública, a curadoria de recursos digitais precisa levar em conta não apenas a funcionalidade técnica, mas também os princípios de acessibilidade, inclusão e sentido formativo. Isso implica avaliar se as ferramentas contribuem para a promoção da autoria estudantil, se respeitam a diversidade e se favorecem processos colaborativos e reflexivos. Moraes (s.d., p. 3) ressalta que “usar tecnologia com sentido exige do professor capacidade de analisar seu impacto, selecionar com critérios e criar vínculos entre as linguagens digitais e os saberes escolares”.

O texto está organizado em quatro seções principais: a primeira discute a curadoria digital como prática pedagógica crítica; a segunda analisa critérios para seleção consciente de

ferramentas educacionais; a terceira apresenta desafios enfrentados por docentes em contextos escolares reais; e a quarta propõe caminhos para consolidar uma cultura de curadoria docente como parte integrante da prática educativa. Ao final, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas.

2 Curadoria digital como prática pedagógica

A curadoria docente de ferramentas digitais se configura como uma prática pedagógica orientada pela intencionalidade, pelo conhecimento do contexto escolar e pela ética educativa. Não se trata apenas de escolher aplicativos ou plataformas funcionais, mas de articular o uso dessas tecnologias aos objetivos de aprendizagem e às necessidades dos estudantes. Silva e Neves (s.d., p. 5) enfatizam que “a curadoria digital envolve a capacidade do professor de selecionar, contextualizar e ressignificar os recursos digitais em favor de um projeto pedagógico comprometido com a formação crítica”. Essa prática exige leitura do currículo, domínio das metodologias ativas e abertura ao diálogo com a cultura digital juvenil.

Ao atuar como curador, o professor assume a função de filtro crítico diante da avalanche de informações e recursos tecnológicos disponíveis. Em vez de adotar indiscriminadamente o que está em voga, ele analisa a relevância, a coerência e os efeitos pedagógicos das ferramentas. Isso implica questionar: esse recurso favorece a construção do conhecimento ou apenas reproduz conteúdos? Estimula a autoria dos estudantes ou promove o consumo passivo? Está acessível a todos ou reforça desigualdades? Essas perguntas orientam escolhas mais éticas e eficazes. De acordo com Almeida e Silveira (s.d., p. 2), “a curadoria consciente contribui para transformar o uso da tecnologia em experiência pedagógica significativa e não apenas em atividade de entretenimento”.

Além disso, a curadoria digital envolve o acompanhamento do uso das ferramentas, a escuta dos estudantes sobre suas experiências e a disposição para reavaliar continuamente as práticas. O professor precisa observar os impactos reais das tecnologias na sala de aula, ajustando sua atuação conforme o feedback recebido. Isso aproxima a curadoria do conceito de docência reflexiva, em que o educador analisa criticamente sua prática e constrói conhecimento a partir da vivência pedagógica. Siena et al. (2024, p. 89) reforçam que “o professor curador é também pesquisador do próprio fazer, atento aos sentidos e aos efeitos da sua mediação”.

Por fim, a curadoria se fortalece quando compartilhada em comunidades docentes. Trocas de experiências, criação de bancos colaborativos de ferramentas e rodas de conversa

sobre práticas pedagógicas com tecnologia constituem espaços importantes de formação entre pares. Essa construção coletiva contribui para ampliar o repertório pedagógico e diminuir a sensação de isolamento que muitos professores sentem diante das demandas tecnológicas. Caldeira (2024, p. 3) defende que “a formação docente deve incluir a reflexão sobre escolhas tecnológicas e o incentivo à criação de redes colaborativas de curadoria e inovação pedagógica”.

2.1 Critérios para seleção consciente de ferramentas

A escolha consciente de ferramentas digitais pelo professor requer critérios pedagógicos, técnicos, éticos e contextuais. O primeiro aspecto a considerar é a coerência entre o recurso e os objetivos de aprendizagem: uma ferramenta só deve ser utilizada se contribuir efetivamente para o desenvolvimento de competências previstas no planejamento. Bezerra et al. (2024, p. 6) afirmam que “o uso pedagógico das tecnologias precisa ser guiado por finalidades educativas claras, que valorizem a aprendizagem ativa, a colaboração e a autoria estudantil”. Ferramentas que apenas digitalizam práticas tradicionais tendem a ter impacto limitado na formação dos estudantes.

Outro critério importante é a acessibilidade. O professor curador precisa avaliar se o recurso está disponível para todos os estudantes, independentemente de sua condição socioeconômica, habilidades específicas ou dispositivos utilizados. Isso inclui considerar o idioma, a necessidade de conexão constante, a compatibilidade com diferentes sistemas operacionais e a possibilidade de uso offline. Para Moraes (s.d., p. 2), “a mediação pedagógica comprometida com a equidade precisa garantir que todos os estudantes tenham acesso às experiências de aprendizagem digital, sem que isso dependa exclusivamente de recursos individuais”.

A dimensão ética também deve orientar a curadoria. É fundamental analisar como a ferramenta lida com os dados dos usuários, se exige cadastro, se há publicidade envolvida, se respeita a privacidade dos estudantes e se promove práticas inclusivas. O professor precisa atuar com responsabilidade digital, ensinando seus alunos a proteger suas informações e a refletir criticamente sobre os ambientes virtuais que frequentam. Almeida (2021, p. 28) destaca que “a ética na pesquisa e na prática educacional deve estar presente nas escolhas tecnológicas, garantindo que a aprendizagem não exponha os sujeitos a riscos”.

Além disso, é preciso considerar o potencial de autoria e criatividade da ferramenta. Recursos que permitem criação, customização, compartilhamento e colaboração entre os

estudantes tendem a gerar experiências mais significativas do que aqueles que se limitam a entregar conteúdo pronto. Como apontam Martins e Gouveia (2022, p. 182), “o engajamento pedagógico com tecnologias cresce quando os estudantes se tornam criadores e não apenas consumidores de conteúdo digital”. Assim, o professor curador privilegia ferramentas que ampliam a expressão dos sujeitos e estimulam o pensamento crítico.

Esses critérios não são fixos nem excludentes, mas devem orientar um olhar sensível e reflexivo sobre as ferramentas utilizadas na prática docente. A curadoria consciente é, portanto, uma ação situada, que considera as condições da escola, as características da turma, o tempo pedagógico e os desafios da realidade educativa.

2.2 Desafios enfrentados pelos docentes na curadoria digital

A atuação do professor como curador digital enfrenta uma série de obstáculos que, muitas vezes, dificultam a consolidação de uma prática pedagógica crítica e inovadora. Um dos principais desafios é a sobrecarga de trabalho docente, que limita o tempo disponível para explorar, experimentar e avaliar novas ferramentas com profundidade. Em muitos contextos, o professor precisa improvisar com os recursos disponíveis, sem acesso prévio a formações específicas ou a orientações institucionais consistentes. Como observam Santos e Lopes (2016, p. 52), “a falta de políticas formativas articuladas com as necessidades reais da sala de aula enfraquece a capacidade de ação crítica dos professores diante da cultura digital”.

342

Outro obstáculo está na fragmentação das políticas públicas voltadas à integração das tecnologias na educação. Projetos de curto prazo, desarticulados do currículo e com foco excessivo na introdução de equipamentos, pouco contribuem para o fortalecimento da curadoria pedagógica. Muitas vezes, as escolas recebem ferramentas sem orientações claras sobre seu uso, o que resulta em subutilização ou abandono. Silva e Neves (s.d., p. 6) ressaltam que “a ausência de diretrizes pedagógicas para o uso das tecnologias transforma a inovação em mais uma tarefa burocrática, desvinculada do processo formativo dos estudantes”.

A insegurança docente frente à cultura digital também é um desafio frequente. Muitos professores não se sentem preparados para avaliar criticamente as ferramentas, seja por falta de familiaridade tecnológica, seja por receio de não corresponder às expectativas institucionais. Essa insegurança é agravada quando a formação inicial é excessivamente teórica e descolada das práticas com tecnologias. Siena et al. (2024, p. 91) alertam que “a formação do professor curador

exige experiências práticas, análise crítica de ferramentas e trocas colaborativas com outros profissionais, para construir autonomia e repertório”.

Outro desafio relevante diz respeito à resistência cultural à mudança. Em escolas com práticas muito enraizadas, a introdução de novas ferramentas é vista com desconfiança, especialmente quando há medo de substituir ou desvalorizar a prática tradicional. A curadoria docente, nesse contexto, precisa lidar com o tensionamento entre inovação e tradição, construindo pontes entre o que já funciona e o que pode ser transformado. Para Caldeira (2024, p. 5), “é necessário criar espaços de escuta e diálogo sobre os sentidos das práticas digitais, evitando imposições e respeitando os ritmos de cada equipe escolar”.

Assim, a curadoria digital docente precisa ser compreendida como uma prática em construção, que exige suporte institucional, cultura de colaboração e políticas de formação continuada. Os desafios não invalidam a proposta, mas evidenciam a necessidade de tratá-la como parte da profissionalização docente, e não como uma competência acessória ou secundária.

2.3 Caminhos para fortalecer a curadoria crítica nas escolas públicas

Fortalecer a curadoria digital como dimensão da prática docente requer a criação de condições objetivas e subjetivas para que o professor possa atuar com autonomia, criticidade e criatividade. Um primeiro caminho é o reconhecimento institucional da curadoria como componente do trabalho pedagógico. Isso significa incluir esse aspecto nas propostas formativas, nos planejamentos escolares e nos projetos político-pedagógicos das unidades. Bezerra et al. (2024, p. 5) apontam que “a valorização da curadoria passa por sua legitimação como parte do ofício docente, com direito a tempo de estudo, de planejamento e de troca entre pares”.

A formação continuada é outro ponto central. É necessário investir em programas que articulem teoria e prática, com foco em análise crítica de ferramentas, experimentação didática e desenvolvimento de critérios de avaliação pedagógica. Esses espaços formativos devem ser construídos a partir das realidades escolares e mediados por educadores que valorizem o saber da prática. Para Almeida (2021, p. 31), “a pesquisa docente sobre os próprios instrumentos de trabalho constitui uma estratégia formativa potente, especialmente quando orientada por perguntas que emergem da experiência vivida”.

Além da formação, é fundamental construir comunidades de curadoria dentro das escolas. Reuniões pedagógicas, grupos de estudo e fóruns virtuais entre professores podem se

tornar espaços de escuta, partilha e construção coletiva de repertório. Nesses ambientes, os professores podem experimentar juntos, compartilhar percepções sobre ferramentas, refletir sobre o impacto pedagógico e desenvolver protocolos comuns de avaliação de recursos. Como afirmam Martins e Gouveia (2022, p. 185), “a colaboração docente é condição essencial para uma curadoria crítica, pois permite que o olhar sobre as tecnologias seja múltiplo, situado e enriquecido pela diversidade das práticas”.

Outro caminho promissor é a construção de acervos digitais organizados pelas próprias escolas ou redes de ensino. Esses repositórios podem conter indicações de ferramentas, planos de aula, exemplos de uso, critérios de avaliação e relatos de experiência, promovendo a cultura da documentação pedagógica. Para Moraes (s.d., p. 3), “a sistematização das práticas com tecnologias contribui para a memória institucional da escola e fortalece a autonomia das equipes na escolha dos recursos digitais mais adequados aos seus projetos”.

Por fim, é necessário promover a escuta ativa dos estudantes na avaliação das ferramentas digitais utilizadas. Ao considerar as percepções dos alunos sobre usabilidade, relevância e significado das tecnologias, o professor amplia sua compreensão sobre o impacto real das escolhas pedagógicas. Essa escuta pode se materializar em rodas de conversa, questionários, registros reflexivos e coavaliações. A curadoria, nesse sentido, deixa de ser apenas uma atribuição técnica e se torna um gesto pedagógico e político de valorização dos sujeitos da aprendizagem.

344

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura do professor como curador de ferramentas digitais é um dos pilares da educação contemporânea comprometida com a inclusão, a criticidade e a autoria dos estudantes. Sua atuação exige mais do que domínio técnico: demanda sensibilidade pedagógica, consciência ética e capacidade de análise contextual. A curadoria digital é prática formativa, construída no cotidiano, que precisa ser legitimada como parte essencial do trabalho docente.

Para que essa prática se consolide, é necessário investimento em políticas públicas de formação continuada, tempo pedagógico adequado e construção de culturas escolares colaborativas. Ao escolher e utilizar ferramentas com intencionalidade e criticidade, o professor transforma a relação com a tecnologia em espaço de reflexão e emancipação, contribuindo para uma escola pública mais democrática, criativa e conectada com os desafios do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. J. de, & Silveira, M. A. (s.d.). Educação, práticas digitais e novos riscos em rede. Anais do Workshop sobre Inclusão Digital (WIE). Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/view/22363/22187>

ALMEIDA, Í. D. (2021). Metodologia do Trabalho Científico. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); SPREAD. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43770>

BEZERRA, Â., Sá, P. A. P. de, & Araújo, A. C. U. (2024). Fatores do desempenho de professores na utilização de estratégias de Aprendizagem Baseada em Problemas. Educação Online, 19(45). Disponível em: <https://doi.org/10.36556/eol.v19i45.1453>

BEZERRA, A. M., & Lima, L. R. de. (2019). A importância do uso das tecnologias em sala de aula como mediadora no processo de ensino-aprendizagem. Anais do Congresso Nacional de Educação – CONEDU. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA19_ID1004_25092019073744.pdf

CALDEIRA, M. C. da S. (2024). "Alfabetização baseada em evidências: da ciência para a sala de aula": Qual ciência? Qual sala de aula?. Revista Brasileira de Educação, 29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782024290121>

MARTINS, E. R., & Gouveia, L. M. B. (2022). ML-SAI: modelo pedagógico fundamentado na sala de aula invertida destinado a atividades de m-learning. Tecnologia da Informação e Comunicação, 2, 173-186. Disponível em: <https://doi.org/10.37885/220307993>

MORAES, A. F. (s.d.). O uso da tecnologia em sala de aula para fins pedagógicos. Revista Monumenta, Unibf. Disponível em:

<https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/14/10>

SANTOS, G. D. R., & Lopes, E. M. S. (2016). Tecnologia e Educação: perspectivas e desafios para a ação docente. Revista Síntese. Disponível em: https://aeda.edu.br/wp-content/uploads/2016/08/REVISTA-SINTESE_04.pdf

SIENA, O., Braga, A. A., Oliveira, C. M. de, & Carvalho, E. M. de. (2024). Metodologia da Pesquisa Científica e Elementos para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos. Editora Poisson. Disponível em: <https://doi.org/10.36229/978-65-86127-64-2>